



miguilim

VOLUME 13, NÚMERO 2 | MAIO-AGO 2024

LEITURAS DO ANTROPOCENO EM NARRATIVAS POPULARES: UMA ANÁLISE DA LENDA DO CURUPIRA



READINGS OF THE ANTHROPOCENE IN POPULAR NARRATIVES: AN ANALYSIS OF THE LEGEND OF THE CURUPIRA

Ronaldo Henrique BARBOSA JUNIOR
Instituto Federal Fluminense, Brasil

Adriano Carlos MOURA
Instituto Federal Fluminense, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA
RECEBIDO EM 29/11/2023 • APROVADO EM 17/08/2024
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v13i2.1393>

Resumo

Este trabalho versa sobre a correlação entre a lenda do Curupira e o conceito geológico de Antropoceno, bem como aborda variações culturais da lenda e possibilidades pedagógicas que envolvem tradições populares brasileiras e o Antropoceno. Partindo desse pressuposto, o objetivo geral deste artigo é analisar as representações das ações humanas na natureza a partir da lenda do Curupira registrada pelo historiador Luís da Câmara Cascudo, considerando possíveis repercussões no atual contexto socioambiental brasileiro, seus signos e correlações culturais. Para isso, busca-se refletir criticamente

sobre os conceitos de Antropoceno e memória no âmbito de narrativas populares baseadas na tradição e na oralidade; analisar a pertinência e as transformações do debate literário acerca dos impactos gerados por ações humanas na natureza; e observar comparativamente os desdobramentos da narrativa nos registros escrito e audiovisual com base na discussão acerca da crise ambiental contemporânea. O trabalho apresenta ainda uma análise da adaptação audiovisual da lenda do Curupira na obra seriada “Cidade Invisível”, assim como uma análise das possíveis abordagens pedagógicas dos assuntos discutidos. Por fim, o método utilizado tem por base a revisão da bibliografia teórica acerca dos conceitos trabalhados para interpretar a narrativa do Curupira.

Abstract

This work deals with the correlation between the legend of Curupira and the geological concept of Anthropocene, as well as addresses cultural variations of the legend and pedagogical possibilities involving Brazilian popular traditions and the Anthropocene. Based on this assumption, the general objective of this article is to analyze the representations of human actions in nature from the legend of the Curupira recorded by the historian Luís da Câmara Cascudo, considering possible repercussions in the current Brazilian socio-environmental context, its signs and cultural correlations. To do this, we seek to reflect critically on the concepts of Anthropocene and memory in the context of popular narratives based on tradition and orality; analyze the relevance and transformations of the literary debate about the impacts generated by human actions in nature; and to observe the unfolding of the narrative in written and audiovisual records based on the discussion about the contemporary environmental crisis. In addition, the work presents an analysis of the audiovisual adaptation of the legend of Curupira in the serial "Cidade Invisível", as well as an analysis of possible pedagogical approaches to the subjects discussed. Finally, the method used is based on a review of the theoretical literature about the concepts worked to interpret the narrative of Curupira.

Entradas para indexação

Palavras-chave: Antropoceno. Narrativas populares. Curupira.

Keywords: Anthropocene. Popular narratives. Curupira.

Texto integral

Considerações Iniciais

A literatura possibilita analisar as diversas manifestações da ação humana, suas representações e transformações históricas. Tendo isso em mente, este trabalho objetiva analisar como são retratadas as ações humanas na natureza a partir da narrativa popular do Curupira, considerando possíveis repercussões no atual contexto socioambiental brasileiro, seus signos e correlações culturais.

Para isso, esta pesquisa¹ considera as narrativas populares a partir da referida relação entre homem e natureza e suas variáveis repercussões pelo país. A

¹ Realizada no âmbito do projeto de iniciação científica “Alfabetização ambiental e leituras do Antropoceno em Literaturas de Língua Portuguesa”, desenvolvido no Instituto Federal Fluminense campus Campos Centro.

obra do folclorista e historiador Luís da Câmara Cascudo (2012b), ao registrar uma variedade de expressões orais brasileiras, permite interpretar tais variações sob a perspectiva da memória coletiva, conceito cunhado por Jacques Le Goff (1990).

Além disso, ao correlacionar lendas do repertório cultural popular com discursos ambientalistas, pode-se notar que elas tendem a expressar, por meio de personagens e peripécias, traços da relação dos seres humanos com a natureza não humana ao seu entorno. Isso permite observar um retrato histórico e cultural do uso e da degradação de, por exemplo, rios e florestas.

Partindo de tais discussões, é possível ler a narrativa popular do Curupira com base no conceito geológico de Antropoceno. Segundo o professor João Ribeiro Mendes (2022, p. 87), apesar de não encontrar consenso no meio acadêmico, tal conceito pode ser definido como “uma espécie de noção organizadora que subsume um conjunto de fenômenos, processos e acontecimentos na ideia abrangente do *Homo sapiens* representar uma variável importante do funcionamento do Sistema Terrestre”.

Interpretar lendas populares tendo por base o conceito de Antropoceno possibilita analisar, sob a ótica da tradição e da oralidade, as representações literárias das máculas inapagáveis da ação humana sobre o planeta. Para tal análise, o *corpus* selecionado é a lenda amazônica do Curupira registrada em obras do historiador Luís da Câmara Cascudo (2012a) e do pesquisador Franz Kreüther Pereira (2001), considerando a importância da narrativa que compõe o patrimônio cultural brasileiro.

A fim de cumprir o objetivo traçado para esta pesquisa, o método utilizado tem por base a revisão da bibliografia teórica acerca dos conceitos trabalhados para interpretar a lenda do Curupira, bem como para analisar o potencial pedagógico das lendas populares a fim de trabalhar temas de educação ambiental em sala de aula.

Curupira: o protetor das florestas

Os primeiros registros da lenda do Curupira remontam ao período da invasão do Brasil pelos portugueses, sendo a entidade retratada em narrativas presentes na teogonia indígena (Cascudo, 1998). Os relatos contam que o Curupira era uma criança com cerca de sete anos de idade, tendo o corpo coberto por pelos longos e os pés voltados para trás (Pereira, 2001), algo que se pode observar a partir das características a ele atribuídas:

[d]emônio da floresta, explicador dos rumores misteriosos, desaparecimento de caçadores, esquecimento de caminhos, pavores súbitos, inexplicáveis, foi lentamente o Curupira recebendo atributos e formas físicas que pertenciam a outros entes ameaçadores e perdidos na antiguidade clássica. [...] Sempre com as características da função e variantes físicas, invencível, dirigindo a caça, senhor dos animais, protetor das árvores, percute-lhes o tronco e as sapopemas, quando ameaça tempestade, verificando resistência (Cascudo, 1998, p. 333).

Vale destacar que se trata de um ser encantado sobre o qual recaem diversos estereótipos, sendo considerado como demônio ou mesmo como duende benévolo, mas sempre visto enquanto protetor das selvas (Pereira, 2001). Cascudo (1998) aponta que a imagem demoníaca do Curupira é relatada por José de Anchieta em 1560, quando a lenda era associada à morte misteriosa de indígenas que vagavam pelas matas.

A personalidade atribuída ao Curupira ressaltava sua face enganadora, sobretudo pelo fato de seus passos deixarem marcas ao contrário, confundindo quem resolvesse seguir o rastro que seus pés virados deixavam na terra (Cascudo, 1998). Nos registros que mencionam a entidade, o Curupira é assim retratado:

Vigiando árvores, dirigindo as manadas de porcos-do-mato, arrancadas de veados e de pacas, assobiando estridentemente, passa a figura esguia e torta do Curupira, o mais vivo dos deuses da floresta tropical, presente às estórias infantis, aos episódios de caça, aos acidentes da luta do homem na Amazônia. É o explicador dos mistérios, passando seus cabelos de fogo, seus pés virados como os Enotocetos de Mégasthènes, registrados em Estrabão, seus dentes azuis, seus assobios açoitantes, na memória de todas as recordações (Cascudo, 2012a, p. 100).

São díspares, ainda, as tantas narrativas que mencionam a figura mitológica, atribuindo-lhe características físicas distintas e até mesmo diferentes origens nacionais, uma vez que a lenda é contada em outros países americanos, sendo possível encontrar variações do mito em países como Argentina, Venezuela, Bolívia, Peru e Colômbia (Cascudo, 1998).

José de Anchieta, em registro datado de 1560, justifica a existência do Curupira a partir do assassinio de indígenas no interior das florestas, atribuindo-lhe a autoria do extermínio e da tortura em diversos casos (Cascudo, 2014). Causa estranheza, no entanto, que ações normalmente atribuídas aos invasores europeus sejam imputadas ao Curupira, motivo pelo qual se pode tomar o ponto de vista de Anchieta como minoritário diante dos demais registros da lenda.

Tais relatos sobre a narrativa popular inseridos neste trabalho permitem ponderar sobre a permanência das histórias na memória individual e na memória coletiva da sociedade brasileira, atravessando gerações e se transformando de acordo com os momentos históricos. Para isso, toma-se o conceito de memória como “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (Le Goff, 1990, p. 423).

Tais funções psíquicas – individuais – acabam por ser compartilhadas pelas pessoas que coexistem em sociedade, interligando-se no que se pode chamar de memória coletiva, transindividual. Isto é, trata-se da história constituída por determinado coletivo de pessoas sobre o tempo passado (Le Goff, 1990).

Isso explica as transformações temporais e espaciais da lenda do Curupira, que se amolda ao tempo e ao espaço de acordo com quem conta a história. São mantidos, no entanto, determinados elementos norteadores da personagem, mas com adaptações substanciais de acordo com quem conta a história.

Feitos esses registros, interessa observar como a narrativa mitológica se relaciona com a exploração predatória das florestas e dos seres que nela habitam. Sobre isso, Câmara Cascudo (2012a) relata que o Curupira é considerado inimigo terrível por aqueles que exterminam por mero gosto, chegando a transformar-se em animal impossível de ser caçado a fim de levar o caçador para longe de sua rota.

Em outras histórias, o Curupira se transforma em animal que, ao ser flechado pelo caçador, faz com que este encontre um familiar ou amigo abatido no lugar de sua presa (Cascudo, 2012a). Tais relatos são contados cotidianamente em aldeias localizadas perto dos rios Solimões, Negro e Amazonas, bem como seus afluentes (Cascudo, 2012a):

A mata, e quantos nela habitam, está debaixo da sua vigilância. É por via disso que antes das grandes trovoadas se ouve bater nos troncos das árvores e raízes das samaumeiras para certificar-se que podem resistir ao furacão e prevenir aos moradores da mata do próximo perigo. Sob a sua guarda direta está a caça, e é sempre propício ao caçador que se limita a matar conforme as próprias necessidades. Ai de quem mata por gosto! fazendo estragos inúteis, de quem persegue e mata as fêmeas, especialmente quando prenhes, quem estraga os pequeninos ainda novos! Para todos estes o Curupira é um inimigo terrível. Umaz vezes vira-se em caça que nunca pode ser alcançada, mas que nunca desaparece dos olhos sequiosos do caçador, que, com a esperança de a alcançar, deixa-se levar fora de caminho, onde o deixa miseramente perdido, com o rastro, por onde veio, desmanchado. Outras, o que é muito pior, o pobre do caçador alcança a caça, até com relativa facilidade, e a flecha vai certa embeber-se no flanco da vítima, que cai pouco adiante com grande satisfação do infeliz. Quando chega a ela porém, e vai para a colher, em lugar do animal que tinha julgado abater, encontra um amigo, o companheiro, um filho, a sua própria mulher (Stradelli, Ermano, 1928, p. 434, *apud* Cascudo, 2012b, p. 102).

Esses relatos, apesar de antecederem em alguns séculos o surgimento do conceito geológico de Antropoceno, podem ser correlacionados a ele numa perspectiva atual. Isso decorre do fato de o ser mítico retratado ter como intuito a salvaguarda de florestas, isto é, os relatos podem ser lidos como narrativas culturalmente desenvolvidas para questionar a ação humana, algo imprescindível em um período como o Antropoceno, quando os danos causados pela ação humana já são irreversíveis no planeta.

Como relata o escritor Christian Dunker (2022), o conceito de Antropoceno parte das transformações humanas sobre o planeta ocorridas após a criação da máquina a vapor, invenção datada de 1784, sendo, portanto, corolário da Revolução Industrial e de seus tantos impactos climáticos, geológicos e atmosféricos. Acredita-se, no entanto, na possibilidade de observar a origem da problemática que envolve o conceito séculos antes, a partir da lógica colonialista.

No dizer do ensaísta Aimé Césaire (1978), o contato humano gerado pela colonização criou relações de dominação e submissão que reduziram os povos

indígenas a meros instrumentos de produção, algo que pode ser resumido numa equação: “colonização = coisificação” (Césaire, 1978, p. 25).

A lógica predatória resumida pelo recente conceito geológico de Antropoceno, portanto, parece ter sua semente na dinâmica colonialista, que reduzia seres humanos e não humanos a mero produto. Tal visão acaba por apresentar uma face do Antropoceno que pode ser entendida a partir da indefinição das fronteiras que demarcam os limites da exploração humana, o que se dá porque

[...] a alegoria fundamental do Antropoceno envolve inicialmente a suposição de uma não fronteira, indeterminada e infinitamente expansiva, com a natureza incivilizada e posteriormente uma fronteira fortemente vigiada, razão e justificativa da propriedade e de nossa identidade. Não por outro motivo ambos se passam nesta zona de indeterminação que é o rio, ainda que pudesse ser uma montanha ou uma geleira, com a condição que reconheçamos que, na passagem, não está a nação, mas o comum. Esta reformulação do Estado como ponto de partida começa pelo reconhecimento destas zonas comuns, ancestrais – o rio, o lago, a montanha – como lugares da subversão da geografia das fronteiras e de início de outro Antropoceno (Dunker, 2022, p.63).

Com base nisso, é possível dizer que a narrativa popular do Curupira não apenas permite criticar os danos causados por ações humanas – mesmo quando precediam a noção de Antropoceno –, mas também que a exploração da natureza não humana enquanto produto é algo que os povos originários observavam antes mesmo de vivenciarem o degradante processo de colonização.

Como propõe o ambientalista Ailton Krenak (2020), o Antropoceno pode ser visto a partir da série de eventos que puseram em contato sociedades capturadas por outras ditas civilizadas. Essa visão aponta para o fato de o Antropoceno, em suas raízes, anteceder em muito a máquina a vapor, uma vez que as ações colonialistas já demarcavam que o ser humano deixa uma marca desastrosa sobre o mundo, o que tem início na relação com seus semelhantes e alcança o trato com a natureza.

O Antropoceno, portanto, parte de uma noção de mundo contida na expressão “recursos naturais”, como critica Krenak (2020), a qual demarca que a natureza não humana é algo passível de apropriação, tendo uma serventia para certa parcela da população. Nesse ponto, como afirma a historiadora Micheline Verunschik (2022, p. 77), pode ser empregado também o conceito de Capitaloceno, cunhado por Jason Moore, segundo o qual “as relações entre a ascensão do capital e um colapso planetário de caráter irreversível vêm sendo apontadas como o gatilho armado pela humanidade contra si mesma e contra a vida no planeta”.

Dito isso, vale enfatizar que o Curupira, enquanto ser lendário protetor da natureza, pode ser lido como um agente que busca frear a chegada do Antropoceno, conservando as florestas ante a ação humana que busca dilapidá-las em benesse própria. Isto é, o Curupira apresentado nos registros de Câmara Cascudo (2012a) pode ser lido como oponente da enganosa civilização imposta pelo colonizador, mas também pode ser visto como ser mítico que se antepõe à

redução da floresta a mero recurso e do habitante da terra a mera mão de obra na lógica produtiva do capitalismo.

***Cidade Invisível* e a representação contemporânea do Curupira**

A face justiceira do Curupira é desenvolvida na obra audiovisual seriada *Cidade Invisível*, cuja premissa é a convivência entre os seres encantados que compõem o chamado folclore nacional e os seres humanos na contemporaneidade. Com isso, considerando a abordagem feita pelos pesquisadores Edgard Zanette, Josué dos Santos e Daniel Ferreira (2022) a série aborda temas como a presença e a transmissão de lendas e saberes ancestrais, a desapropriação de terras para fins de especulação imobiliária, a devastação de florestas por meio de queimadas e os impactos destrutivos do garimpo em reservas ambientais.

Especificamente na primeira temporada, dentre as personagens que compõem a produção de Carlos Saldanha, está o Curupira, também chamado por Iberê, interpretado pelo ator Fábio Lago. Na trama, o ser lendário se apresenta como um homem alcoólatra em situação de rua, desacreditado da vida, que não mais habita as florestas e se sente deslocado no meio em que vive (Zanette; Santos; Ferreira, 2022).

Uma circunstância, porém, provoca o retorno do Curupira ao ambiente florestal, quando precisa defendê-lo de uma força maligna que simboliza a caça predatória e a destruição das matas. Nesse momento do enredo, a entidade é apresentada de forma fiel ao que registrou Câmara Cascudo, podendo ser considerado demoníaco por aqueles que buscam destruir a natureza (2012a).

A correlação entre a obra audiovisual aqui analisada e o registro literário da narrativa popular pode ser observada sob a ideia de que adaptar uma obra é fazer uma releitura. Esse ponto de vista é defendido pela professora Maria Cristina Cardoso Ribas (2014) em um estudo sobre a adaptação literária para o cinema.

O fato de a linguagem cinematográfica reler os símbolos literários “[...] pode significar [...] uma complementaridade de perspectivas, tons e vozes, que representam, não a mentira localizada, mas a representação coletiva da experiência de indivíduos ou grupos num determinado contexto histórico” (Ribas, 2014, p. 123). Trata-se, pois, de um ponto de vista capaz de explicar a correlação entre *Cidade Invisível* e os registros da lenda do Curupira, uma vez que a série mantém diálogo com elementos de narrativas orais registradas por estudiosos para recriar dramaticamente elementos e personagens típicos da cultura popular brasileira.

Ressalta-se que a obra audiovisual em questão não apenas cria uma interseção entre a tradição oral e os registros escritos das lendas nacionais, mas também reescreve, na adaptação alegórica dos mitos populares, histórias típicas do Brasil, acabando por remodelar as narrativas tradicionais com a finalidade de fazê-las caber numa trama. É o que aponta a jornalista Julia Harumi Morita (2021) ao compor sua crítica sobre a obra audiovisual da Netflix.

Segundo a jornalista, que pautou sua abordagem em entrevistas com especialistas sobre tradições populares brasileiras,

[a]o longo de sete episódios, o espectador conhece a história de origem das chamadas entidades, que ganharam habilidades especiais após viverem eventos fatais e traumáticos. Contudo, a produção comete deslizes ao retratar algumas figuras tradicionais, como a Iara, o Curupira e o Boto Cor-de-Rosa. [...] vale lembrar que as crenças abordadas não pertencem a um único povo indígena, afinal, existe uma grande variedade étnica no Brasil [...] (Morita, 2021).

Uma das entrevistadas por Julia Morita (2021) aponta que a representação do Curupira lhe chamou a atenção, uma vez que, para o povo Pataxó, trata-se de uma entidade relacionada à paz, não tendo ligação com a figura agressiva retratada em *Cidade Invisível*. Ao basear-se num ponto de vista único, a jornalista acaba por desconsiderar que as narrativas populares são passíveis de transformações de acordo com as manifestações de cada tradição.

Isso porque, segundo Câmara Cascudo (2012b), é típico das narrativas populares a perda das características que envolveram sua criação, sendo destacados pelo historiador quatro elementos típicos das tradições populares denominadas como folclore: a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade. Isto é, as lendas e ritos que compõem o folclore nacional dependem da imprecisão quanto ao tempo e à autoria para serem classificados como folclore (Cascudo, 2012b).

Além disso, como já destacado neste trabalho, a lenda do Curupira o apresenta com faces diversas, atribuindo-lhe características benignas ou malignas de acordo com suas interações com seres humanos na natureza (Pereira, 2001). Com isso, ao reler as narrativas tradicionais, a trama baseada em uma história de Raphael Draccon e Carolina Munhóz acaba por enfatizar a adaptabilidade que garante a perenidade das lendas.

Para Câmara Cascudo (2012b), isso se justifica pelo fato de não ser comum a sobrevivência de lendas desinteressadas ou mesmo desprovidas de finalidade na realidade prática, motivo pelo qual são comumente adaptáveis por aqueles que as propagam. Destaca-se, com isso, a importância de buscar leituras diversas acerca das narrativas populares, uma vez que elas variam de acordo com quem as conta.

Deve-se, também, enfatizar a importância da obra *Cidade Invisível* no que se refere à possibilidade de contribuir para a discussão acerca do conceito de Antropoceno. Como apresentado no início deste trabalho, trata-se de um conceito recente, ainda em construção, que encontra diversas fontes e carece de consenso entre os especialistas (Mendes, 2022), motivo pelo qual a obra audiovisual, ao apresentar criticamente o tema da exploração da natureza não humana e o associar às narrativas populares, acaba por convidar o espectador a refletir sobre a forma como a sociedade atual lida com temas como preservação e exploração ambiental.

Narrativas populares como ferramentas pedagógicas para discutir o Antropoceno

Uma terceira vertente da abordagem proposta nesta pesquisa abarca a face pedagógica da discussão sobre o conceito de Antropoceno. Quanto a isso, as lendas

populares registradas por Câmara Cascudo (2012a) são um rico material para trabalhar conceitos ambientais, sobretudo no que se refere à valorização do patrimônio cultural brasileiro, uma vez que as lendas preservam tradições populares.

Como abordam as pesquisadoras Hellen Mizerski, Mariana Rosa e Lia Antiqueira (2022), as lendas populares, além de serem histórias capazes de despertar o interesse dos estudantes por apresentarem uma dimensão mística, também permitem ao professor trabalhar a contextualização que permeia a identidade social e a memória coletiva dos alunos.

Na mesma direção, as acadêmicas Thaynara Silva e Suelene Santana (2022) destacam que a devida abordagem das lendas permite desenvolver consciência ambiental nos estudantes, sobretudo ao trabalhar o contexto ambiental regional em diálogo com o global, provocando reflexões capazes de gerar respostas condizentes com a realidade social.

Nesse ponto, acredita-se, igualmente, no potencial da lenda do Curupira para abordar as causas e efeitos do Antropoceno, uma vez que ele permite ao docente tratar dos assuntos de maneira interdisciplinar, trazendo questões referentes à memória coletiva regional e nacional, ao histórico de colonização do Brasil, aos impactos da Revolução Industrial na natureza, às marcas que caracterizam a atual era geológica, bem como ao papel comunitário na construção de uma sociedade que se responsabilize pela preservação da natureza, ciente dos impactos de suas ações.

Por fim, é preciso pontuar, conforme levantamento das pesquisadoras Geisa Menezes e Maria Anália Miranda (2021), que a abordagem da educação ambiental sob a ótica da conservação da vida com toda a sua complexidade cumpre o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais e na própria Constituição Federal de 1988, instrumentos que funcionam como marco legal da abordagem pedagógica de assuntos ambientais, o que alcança a abordagem do conceito de Antropoceno.

Considerações Finais

Por trazer em seu escopo a preocupação com a preservação das florestas ante a ação humana predatória, a lenda do Curupira permite uma leitura baseada no conceito geológico de Antropoceno. Isso ficou observado ao longo da discussão conceitual partindo da premissa de que a lógica capitalocênica – conceito corolário ao de Antropoceno –, que correlaciona a degradação planetária ao avanço do capital, tem como premissa enxergar o mundo como um recurso para cumprir etapas produtivas.

Vale dizer, ainda, que este trabalho demonstrou a correlação entre a narrativa popular e o conceito de memória coletiva. Para isso, considerou-se a permanência intergeracional da lenda do Curupira, assim como suas transformações. Tais elementos exemplificam a relação humana com a memória e com a transmissão de informações através dos anos.

Além disso, foi desenvolvida a ideia de que a obra audiovisual *Cidade Invisível*, ao tomar como personagens entidades presentes na cultura popular, promoveu uma releitura das narrativas tradicionais. Com isso, a obra seriada

ilustra características das lendas populares apontadas por teóricos, como a adaptabilidade das narrativas.

Por último, este trabalho se deteve às possibilidades de abordagem pedagógica do conceito de Antropoceno a partir de lendas populares. Para isso, foi ressaltada a importância interdisciplinar do conceito geológico, que deve ser trabalhado em sala de aula com a finalidade de criar uma consciência ambiental nos estudantes. Nesse ponto, as narrativas populares podem, como ficou comprovado, embasar as discussões e delinear fatores históricos e geográficos.

Considera-se, ante o exposto, que os objetivos previstos para desenvolver este trabalho foram devidamente cumpridos a partir da análise bibliográfica proposta aliada à articulação de conceitos. Dessa forma, foi possível reler a história do Curupira, típica da região amazônica, sob o olhar do debate ambiental contemporâneo, algo que demarca, ainda mais, a importância de aliar a preservação do patrimônio cultural nacional com a preservação da natureza não humana.

Referências

- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- DUNKER, Christian. Estrangeiros em nossa própria morada. In: SECCHES, Fabiane. *Depois do fim: conversas sobre literatura e Antropoceno*. São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 59-72.
- CASCUDO, Câmara. *Antologia do Folclore Brasileiro - Volume 1*. São Paulo: Global, 2014.
- CASCUDO, Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Ediouro, 1998.
- CASCUDO, Câmara. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Global, 2012a.
- CASCUDO, Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2012b.
- CIDADE INVISÍVEL – 1ª Temporada. Produção de Carlos Saldanha. Série da Netflix. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80217517>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- MENDES, João Ribeiro. Antropoceno: um polissema a ser feito. *Anthropocenica*. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica, [S. l.], v. 3, 2022. DOI: 10.21814/anthropocenica.4129. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocenica/article/view/4129>. Acesso em: 19 mai. 2023.
- MENEZES, Geisa Defensor Oliveira; MIRANDA, Maria Anália. O lugar da educação ambiental na Nova Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio. *Revista Educação Ambiental em Ação*, n. 75, 2021. Disponível em: <https://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=4152>. Acesso em: 20 mai. 2023.

MIZERSKI, Hellen Jaqueline Cordeiro; ROSA, Mariana Comerlatto da; ANTIQUEIRA, Lia Maris Orth Ritter. Saída de campo como estratégia metodológica em Educação Ambiental: o uso de lendas para a conservação da natureza. *Revista Brasileira de Educação Ambiental* (RevBEA), [S. l.], v. 17, n. 3, p. 57-71, 2022. DOI: 10.34024/revbea.2022.v17.13560. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/13560>. Acesso em: 20 mai. 2023.

MORITA, Julia Harumi. Cidade invisível: É possível corrigir a falta de representatividade na 2ª Temporada?. *Rolling Stone Brasil*, 2021. Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/cidade-invisivel-e-possivel-corriger-falta-de-representatividade-na-2-temporada-entrevista>. Acesso em: 20 mai. 2023.

PEREIRA, Franz Kreüther. *Painel de lendas & mitos da Amazônia*. Belém-Pará, 2001.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Literatura e(m) cinema: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação. *Alceu*, v. 14, n. 28, p. 117-128, 2014. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20117-128.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2023.

SILVA, Thaynara Raelly da Costa; ASSUNÇÃO, Suelene Santana. Educação ambiental através do folclore. In: ARAÚJO, Maria Ludetana; SANTOS, Antônio Luís Parlandin; MUHALA, Valdemiro (org.). *Educação ambiental e práticas pedagógicas interculturais e decoloniais na Amazônia: entre o local e o global*. Pará: Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental na Amazônia, 2022. p. 47-55.

VERUNSCHK, Micheliny. A queda do céu: um livro sagrado contra o fim do mundo. In: SECCHES, Fabiane. *Depois do fim: conversas sobre literatura e Antropoceno*. São Paulo: Editora Instante, 2022. p. 72-81.

ZANETTE, Edgard Vinicius Cacho; SANTOS, Josué Carlos Souza dos; FERREIRA, Daniel Lopes Gameiro. Eles estão entre nós: Uma discussão sobre o folclore brasileiro a partir da série Cidade Invisível. *Ambiente: Gestão e Desenvolvimento*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 5-18, 2022. DOI: 10.24979/ambiente.v15i2.1092. Disponível em: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/1092>. Acesso em: 20 mai. 2023.

Para citar este artigo

BARBOSA JUNIOR, Ronaldo Henrique; MOURA, Adriano Carlos. Leituras do Antropoceno em narrativas populares: uma análise da lenda do Curupira. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 2, p. 123-134, maio-ago. 2024.

Autoria

Ronaldo Henrique Barbosa Junior é bacharel em Direito pelo Centro Universitário Fluminense (UNIFLU). Licenciado em Letras, Português e Literaturas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) – Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: rhbj@outlook.com. E-mail: rhbj10@hotmail.com; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1372-5564>.

Adriano Carlos Moura é doutor em Estudos Literários (UFJF). Professor de Língua Portuguesa e Literatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) – Campos dos Goytacazes/RJ – Brasil. E-mail: adriano.moura@iff.edu.br. E-mail: adriano.moura@iff.edu.br; ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-1472-6964>.